COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Euclides da Cunha e o Século

Ramayana de Chevalier

fac-similado N.º 62

CULTURA
Edições
Governo do Estado

EUCLIDES DA CUNHA
E O SÉCULO

COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 - Manaus-AM-Brasil
Tels: (92) 633.2850 / 633.3041 / 633.1357
Fax: (92) 233.9973
E-mail: sec@visitamazonas.com.br
www.visitamazonas.com.br

RAMAYANA DE CHEVALIER

EUCLIDES DA CUNHA
E O SÉCULO

(FAC-SIMILADO)

O programa de Edições do Governo do Estado que vem sendo desenvolvido desde 1997, alcançando resultados crescentes, inclusive com a participação em feiras e bienais internacionais, vem se utilizando também dos meios modernos de tecnologia, como a Biblioteca Virtual do Amazonas e livros digitais.

A Amazônia, e em especial os assuntos amazonenses, ganham proeminência e vão servindo bibliotecas e estantes de estudiosos, suprindo de todos os meios e modos as antigas necessidades que tínhamos.

Tem sido vital a participação da Biblioteca Pública e sua equipe neste empreendimento que a Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto vem cumprindo, de forma incessante.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Ramayana de Chevalier

EUCLYDES DA CUNHA E O SÉCULO

Discurso de posse á Cadeira n.º 2, da Academia Amazonense de Lêtras, com a saudação ao recipiendário pelo Acadêmico Djalma Batista.

Manaus — Amazonas
1960

UM MINUTO, APENAS

Essa noite memorável, em que se recebeu, na Academia Amazonense de Letras, a Walmik Ramayana Paula e Souza de Chevalier, na cadeira número 2, cujo patrono, Euclydes da Cunha, jamais se olvidará dos nossos fastos mais puros e mais belos. O salão à cunha, o Conjunto Musical "Orpheus", homenageando à posse acadêmica de um dos maiores oradores do Brasil; a fina flor da gente amazonense presente; o Governador Gilberto Mestrinho e todo Secretariado, a rigor; a Igreja, pelo seu antístite; o Silogeu em maioria; o ambiente engalanado; sôbre a mesa uma toalha italiana, os vasos chinêses da Dinastia Ming, oferecidos da coleção do "Teatro Amazonas". Um encanto! Ramayana subiu à tribuna com suas condecorações: — a da "Campanha do Atlântico Sul", da Fôrça Aérea Brasileira, e a da "Ordem Nacional do Mérito", da República do Paraguay.

O Secretário das Finanças, sr. Antonio Madeira, filmou, pessoalmente, tôda a cerimônia, a côres.

Ao início da sessão solene, o presidente da Academia, Desembargador Leôncio de Salignac e Souza, num empolgante improviso, disse da estranha e rutilante personalidade do acadêmico que, naquele momento, se empossava. As suas palavras traduziram o sentimento do Amazonas, e quiçá do Brasil, representado naquele instante por um pugilo de homens de letras e de criaturas de fina sensibilidade.

O que se vai ler, se constituiu um magistral estudo de Ramayana de Chevalier, sôbre Euclydes da Cunha, atual, vibrante, arrojado, sincero e alto, deixou, na assistência atônita, uma emoção indelével.

Foi o despejar de um talento onímodo, vigoroso e poliédrico, dono de uma cultura invulgar, que significa, para nós amazonenses, um galardão de nossa terra, um motivo de perenal orgulho para a nossa mocidade.

Ramayana professor, escritor, conferencista, orador, jornalista, médico, poeta, cronista sutil e forte, em tôdas essas facetas êle revela a inteligência surpreendente e fértil, exaltando à sua terra e aos seus conterrâneos, nos tropos mais vivos de acendrado amor pelo seu berço.

Publicando seu discurso e o de seu paraninfo, Acadêmico Djalma Batista, homem de letras e de ciência, colega de Ramayana, formado na mesma Faculdade de Medicina da Bahia, um dos brilhantes espíritos do nosso Estado, diretor do Instituto de Pesquizas da Amazônia, em separata, o fazemos cumprindo determinação do Senhor GOVERNADOR DO ESTADO, num prêmio e numa louvação a um dos nossos mais eminentes intelectuais patrícios.

Associando-nos, pois, a êsse justo e elegante cometimento, consagramos, nestas modestas palavras, o júbilo que se apossa de nós, amazonenses, como

EDITÔRES.

EUCLYDES DA CUNHA E O SÉCULO

Raramente surgirá, entre os alcantis cerebrais do Brasil, um gigante tão vivo e tão firme como Euclydes da Cunha.

Ao assumir o compromisso de falar-vos, retribuindo-vos a excelsa justificação de minha escolha, enflorei o coração por duas vêzes : — uma, na qual via derruídos os tabus e as verminas, provincianas e mesquinhas, que paliçavam esta admirável Casa da Inteligência; a outra, enfrentando, com a alma em júbilo, a tarefa de mergulhar no oceano profundo da vida de Euclydes da Cunha, de onde eu surgiria, coroado de pérolas, como um polinésio.

A Cadeira Número Dois, dêste círculo de pensadores, era, para meu espírito, um escrínio. Não se havia criado para ficar vazia, e, se ocupada como o foi, por um dos mais vertiginosos talentos do nosso tempo, êsse imortal e magnífico Adriano Augusto de Araújo Jorge, cujo nome eu pronuncio de joelhos, de logo, na refluência dos fenômenos físicos, arrastaria no seu fascínio àqueles que vivem da eviterna admiração ao grande morto. Sim, haveria eu de rumorejar, adentro a mais cálida perpetuação de simpatia, o nome de Adriano Jorge, cujo calor pensamental ainda sinto na cátedra de agora, homem que era um coração a estilhaçar inteligência, dono da vida de centenas de homens desta terra, gigante do caráter e do amor, que não ficou

em obras escritas, como Jesus jamais o fêz por sua própria mão, mas que se eternizou nos romances inapagáveis da gratidão, da bondade e, acima de tudo, do deslumbramento verbal mais estonteante ! Foi um homem de honra e de caráter, engastado numa cultura surpreendente e onímoda. Junto a mim êle estará na noite de hoje, perfilado como um cavaleiro andante, a louvar o Amazonas, a enobrecer o Brasil.

Em plano destacado, comoveu-me o nome que apontastes para receber-me. Nossa tribo reconhece no dr. Djalma Batista, uma inteligência fulgurante, um espírito tocado da graça e da beleza, uma das exuberantes criações dêste vale equatorial, tão inédito nos seus arroubos naturais. Cientista pesquisador, faz-me lembrar êle, na sua radiosa juventude, os tempos em que eu grimpava o cimo das maretas acadêmicas, na velha Bahia, ambos, como Olavo das Neves, oradores de nossas turmas, ambos amazonenses, eu no meu tempo ardente e perigoso, êle no remanso de uma paz harmoniosa, aonde ressoavam, tristes e simples, os imensos vulcões que subiam das ladeiras e dos subsolos da cidade colonial.

Agradeço-vos, pois, a escolha de Djalma Batista. E vejo nisso, nesta expressão rude e escarnada de minha observação cabocla, uma homenagem a um coração que ambos amamos, um grande coração enraizado até à medula nesta terra inigualável, o coração infatigàvelmente bom do seu pai, essa árvore frondosa de ternura e de sinceridade, símbolo da nossa doçura tropical, esta hospitalidade humilde de jacumaúbas ! No brazão dêsse jovem médico e literato escorreito e brilhante, deve estar esculpida a marca inapagável da nossa devoção legítima. Seria justo que, no seu pendão de armas, em lógica e beleza, houvesse um porantim sagrado de luz e a proa rutilante de uma igarité. Agradeço-vos, pois, de novo, a escolha daquele que me recebe neste instante e a graça de vossa Justiça.

O Rumor

Andam, pelo país, sombras amargas. Velhas sombras que ainda não conseguiram dormir, tocadas pela insônia

dos remordimentos. São gazes flutuantes que anestesiam a memória dos fiéis da sublime Religião da Dor.

São restos de destinos que sobraram, no naufrágio do Tempo, pingenteando glórias e martírios.

E' um rumor de asas de crepe, um hálito de consciências mórbidas, que não conseguiram, sôbre a campa do justo, imobilizar-lhe a chama.

E' um cicio, tão frágil e tão imperceptível, que marca, na cadência do seu respiro, a ânsia dos que seguem os gênios, sem empanar-lhes o lucilar vertiginoso, sem ensombrar-lhes as fosforescências do espírito.

Ouço êsse rumor, como um presságio, como um profundo murmúrio de grotões ignotos, como o sôpro das frestas ocultas nas cavernas lôbregas, varrendo de manso as páginas da História, lambendo sonhos imarcessíveis, lamuriando-se dos erros e dos desesperos, abençoando, na sua tragédia fluida, o túmulo dos Anteus.

Ouço êsse rumor de música, ora epilética como um baile de ébrios, ora tristíssima como um côro de órfãos do Destino, ora grave e solene como um clamor uterino de clavicórdios, atormentando os milênios, ora aos saltos e sobressaltos como um pesadelo de trasgos e de gnomos, marcando o remorso daqueles que são indigitados de Lúcifer, para arrancar da Vida, nos atos triviais do sangue, os monumentos da Cultura e da Sabedoria !

Sôbre a lápide de Euclydes da Cunha eu sinto êsse rumor, que não se apagará jamais, como ainda perduram os gemidos das Parcas sôbre o túmulo de Sócrates, ou os urros do mar sôbre os vestígios de Shelley. . .

Flor sem orvalho

Na umidade fecunda do herbário estético do Brasil, não há lugar para o monstro.

Não nasceu êle para vicejar entre palmas e vergônteas Não era uma planta de jardim.

Não viveria em jarrões de sala, ao sôpro de bôcas ardentes e assassinas. Não cresceria entre alfombras suaves, ouvindo beijos e murmúrios.

A natureza fê-lo sêco e exato. No anfiteatro desolado da Vida, onde medram glicínias e garras lodosas de pântanos, êle seria o cactus. Como o bárbaro dominador das caatingas, êle guardaria no coração a água pura para saciar homens e feras.

Em Alberto Rangel, num rasgão lapidar de imagem, sentimos a vocação do mártir : — "há, gravadas na tampa nua e branca de um sepulcro de Paris, um botão de rosa e as palavras : — Assim eras tu, minha filha". No túmulo de Euclydes da Cunha, dever-se-á mandar esculpir a flor da passíflora, traspassada da mata para o ornato e o proveito dos nossos vergéis e a qual tem no cálice roxo ou vermelho, os símbolos do mais celebrizado dos sofrimentos humanos. Sob a corola, mágoa e glória da Paixão, caber-lhe-ia a frase, semelhante à do jazigo da criança : — "Assim eras tu. . ." — uma flor de martírio, com os seus espinhos e os seus cravos, coberta de um pólen fecundante em poemas !".

A flor violácea da passíflora seria o seu destino. Caberiam nela os seus instantes íntimos, quando Minos se debruçava sôbre os despenhadeiros dos seus insondáveis desalentos, cavando-os mais ainda, sob as garras de lembranças sangrentas e sombrias !

Assim desabrocharia a flor, no tabuleiro excicado do seu destino sem amôres !

Não há deserto, quando brota uma rosa de paixão. Não há solidão, quando modula a ave canora do sentimento lírico.

O seu deserto interior era trágico e famulento. Só havia a sombra circunflexa dos mandacarus, o perfil torto e selvagem das agaves gigantes.

E, nesse deserto de amor, ouvindo o lamento órfão das hienas do instinto, sentindo o chicote amargo dos

espinheiros que desfaziam coiraças de vaqueanos, mas lhe respeitaram a epiderme pálida do espírito!

Não corria, nessa imensa solitude, nem um córrego de mágoa lamentosa, nem um murmúrio de cítara passional, nem o sussurro de uma ternura simples, no vergel de uma saudade pura...

E aí ficou, para o pensamento dos homens, essa interrogação que êle nos legou num dos seus escritos, síntese terrível de um drama histórico, capaz de enternecer e de espantar: —

"Quem definirá um dia essa maldade obscura e misteriosa das coisas, que inspirou aos gregos a concepção indecisa da fatalidade?".

A "Chance"

Dos respaldos gloriosos da cultura, implantado no próprio cerne da nacionalidade, êle nos aparece como um arremêsso de granito, lançado aos céus da posteridade, afirmando o Brasil.

Amo-o no esplendor do seu martírio, nas reentrâncias mais profundas de sua obra, no trabalho insano de dissecar, como um anatomista, a figura torva e apavorante dêsse Caliban do heroísmo que é o sertanejo, nosso patrício.

A obra de Euclydes toca-me como se, no brandir da hasta sôbre o bronze quieto, as repercussões fôssem gritos da Raça, imprecações das Idades, choros convulsos das gerações nascentes.

Sinto-me, por inteiro, nas minhas hesitações e nos meus pesadelos. Fremo com êle, nos instantes eclosivos de minha personalidade. Abafo os soluços, quando pervago pelos seus livros tão cheios de Brasil e de sangue, de pátria e de orgulho caboclo, de esperanças e de emoções eternas!

Sou a máquina que resiste aos sobressaltos, renovando-se neste imenso amor pela terra, pelas gentes.

Não creio que me alegrasse tanto ao espírito, falar de outro cérebro, de outro escritor, como êsse cujo destino parou, no espanto de um segundo, do vértice de uma alça de mira.

As suas vivências, as suas andanças, êle que foi sobretudo um simples por fora e um braseiro por dentro, tudo me conduz ao seu nicho de prosternação, como se as suas palavras houvessem sido escritas no meu sangue, antes de o serem nos seus livros.

Clima físico

Costuma-se dizer, na aguda penetração da crítica literária, que, nos quadros da literatura brasileira, os escritores derivam, por três correntes diversas, do tronco euclidiano.

O gênio inspirador comoveu a tôdas as gerações.

Mesmo os artistas mais bizarros, mais secos nas suas imagens, mais desidratados nos seus conceitos sôbre o Nordeste, mesmo êsses vieram da grande fonte do mago d' **Os Sertões.**

Vários são, ùltimamente, os que se adentram, temerosos, na enorme silva euclidiana, para distorcer afirmações, reformar idéias, criticar análises, reconduzir pontos de vista, bimbalhar cincerros.

Tôdas essas tentativas resultam em pura perda, como as setas do abexim ao sol do ocaso.

Até lama, até escarros já ousaram lançar-lhe ao renome de aço. Escritoras balofas e incultas, azeitadas na enxúndia, pretenderam inaugurar uma época nefanda de erostratismo literário, vomitando-lhe sôbre a memória e a tradição.

Ficaram no gesto insólito. Encolheram-se na insanidade vil. Nenhuma repercussão tiveram, porque, decididamente, não é modernismo o ser-se torpe, não é modernismo o ser-se bruto.

Originalidade, se existiu nesse ato de selvageria inábil, foi sòmente a flor excelsa da capadoçagem literária que pretende usurpar-nos o espaço intelectual.

Ficou em nada. Porque ainda estamos sob a influência do sofrimento espiritual de Euclydes da Cunha.

Ainda lhe escutamos os brados heróicos nas fronteiras, os gemidos das longas noites de vigília siderante.

No meu caso, fui conhecê-lo literàriamente, depois de alicerçado na modesta cultura que amealhei. O fato revela uma conclusão : — não vieram de Euclydes os escritores das três correntes pelo fato de lê-lo, de estudá-lo, de senti-lo. O euclidianismo é um clima físico, é uma condição social, é uma expressão temporal de cultura.

Descobrindo o Brasil num instante em que os nossos artistas molhavam os pés na orla atlântica, de frente para a Europa, êle lançou o primeiro brado de antropogeografia brasílica emancipada. Foi um rebento alucinado de brasilidade. Criou.

Impeliu, ao infinito, a nossa inércia cabocla.

E, com o seu nervosismo, traduziu um momento com tal fôrça, com tão deslumbrante beleza, que influiu no campo sereno do espírito, sôbre dezenas de escritores que mal o haviam deletreado.

Na opinião de Tasso da Silveira, quando criticou o meu primeiro livro "No Circo Sem Teto da Amazônia", êsse foi um dos filões de primordial influência, que balisaram o meu destino literário.

Antes de ler Euclydes, já eu era um derivado do seu clima, das trepidantes e convulsas condições bio-sociais onde êle se debatera.

Depois, ao lê-lo, voltei à origem.

Saciei-me na hispidez de sua condição mavórtica, inebriei-me com o poder miraculoso do seu estilo, quando facetou, na refulgência dos seus símbolos, a esta Amazônia que eu tanto amo.

O instante

A feição literária de hoje é uma caricatura. Uma tentativa. Uma decantação. Pesquisa, investigação, esfôrço de teodolitagem. Na prosa e na poética. A evolução não pede senão a glória de retornar ao esfôrço. Isso é renovar-se. Isso é restabelecer-se. Mesmo na História, mesmo na Ciência. Mesmo na Arte.

A confrontação de Idades só revela um mérito: — a vitória do homem e a irresistível evolução do seu pensamento.

Até aos nossos dias o homem ainda não pensou melhor do que Parménides. A Antiguidade Clássica continua sendo uma fonte inesgotável de Beleza, de Arte e de Cultura.

Conseguimos adaptar-nos à velocidade.

O que chamamos Civilização Moderna nada mais é do que uma adaptação à velocidade. A maior preocupação do homem moderno é adaptar-se, física e psicològicamente, aos cada vez mais vertiginosos deslocamentos.

A velocidade deu ao homem a visão cósmica do Espaço. As unidades, antes simples, são hoje ano-luminosas. Os objetivos, que se resumiam aos cinco oceanos e aos sete mares (hoje três oceanos e nove mares), estão hoje situados nas órbitas de Vênus e Marte, com a Lua servindo de subúrbio sideral.

A velocidade é o signo do homem moderno. Viajar de navio, na época atual, só para desocupados, proletários ou enfermos.

E pensar maduramente, demoradamente, fecundamente, só êsses astrolábios da cultura que são os filósofos modernos, ou os historiadores, êsses repórteres do Tempo.

A forma só atende à evolução lenta e segura. As experiências de Michourin e Lizenko, emprestando saltos à natureza, foram mais tentativas demagógicas do que progressos legítimos.

A idéia, sim, é uma constante que se adapta ao Tempo e à Cultura. Esta admite novas modificações, experiências, tentativas. Admita-se, mesmo, à idéia, o plasma imortal que se eterniza na transformação, na modelagem, na criação de novos "standards", desenvolvendo ao infinito o "gene" criador de sua própria condição de existência que é o progresso.

A idéia, sim, é moderna, é atual, é um móbile. Na forma, o homem se repetirá sempre, aos ciclos.

Retornará infatigàvelmente aos pontos essenciais da conquista e jamais se afastará da Natureza, que é a repetidora milenar de experiências biológicas.

Em Euclydes da Cunha tivemos o surto emocional da sociologia brasileira.

Num gesto teatral, embora sóbrio e elegante, êle conseguiu que o gigante desse meia volta para encarar, num hiato da admiração à Europa, a tremenda realidade sertaneja.

Demonstrou que não era necessário mergulhar no passado para evocar as lamentações de Jeremias, os arroubos corruscantes de um Jasão, a coragem decidida de Horácio Cocles, as manhas estratégicas de Tróia, a ferocidade de Sagunto, a imensa romaria espetacular de Gengis Khan, os relevos surpreendentes do deserto persa ou a bruteza de músculos e choques dos númidas e cartaginêses.

Ali, em Canudos, na covanca de um chapadão de desgraças, o Brasil fecundava uma raça de Teseus e de Saturnos !

O Sol e o deserto, numa simbiose de titãs, plasmaram no homem um similar de Anteu.

A fôrça de resistência, a coragem da ação, a bravura decisiva, a vertiginosa agilidade maleável, a afoiteza da ignorância e a divina loucura da ingenuidade, tudo se

caldeou no íntimo do jagunço, dando ao Ocidente uma página heróica, de uma larga auréola histórica e sentimental.

Euclydes foi, nesse momento, o testemunho vigilante, o repórter astuto, o observador surprêso, o cientista rebelado, o político emocionado, o sociólogo empolgado.

Encontrara, nos sicômoros e descalvados da caatinga, o molde para o gigante do seu sociogenismo caboclo.

Não foi uma porta que se escancarou à História: — foi um abismo que se rasgou aos pés da nossa inércia de observação.

De um lado e do outro das trincheiras de análise há um sentido confuso. Nem só de pão vive o homem.

Euclydes, se não foi o cientista, como tanto desejou ser, afirmou, sem dúvida, a sua enorme capacidade de retratista de fatos.

Foi um repórter-escritor, foi um vanguardeiro da técnica de narrar, compondo a terra e o homem nos seus tropos de incrível fascinação estética.

Foi um grande repórter. E, como repórter, associou-se à catástrofe moral, que precedeu e ultimou ao quadro insólito.

Canudos foi um centro motor de agitação social. Foi uma rebelião de classes e sistemas. Foi uma centrifugação inconsciente de fatôres sociais, agindo no sentido de uma transformação.

Ali, nos aclives da savana rude, o Brasil assistiu, estatelado, ao seu mais poderoso drama.

Não era uma guerra civil, não era uma revolução programada, não era um movimento separatista.

Era um dealbar de tragédia humana, no cadinho social, os fracos, os oprimidos, exilados em sua própria gleba, que se levantavam, eriçados de chuços e bacamartes, contra os seus opressores.

Ninguém queria outros regímens, ninguém desejava outro Deus. Conselheiro, barbudo e bárbaro, trazendo na singeleza das linhas o traço físico do Iluminado, doente de desajustamento, conduziu ao redor de si manadas de fanáticos.

Fanáticos de quê ? Por acaso lutavam no Oriente, contra o crescente maometano e as cimitarras de Saladino ?

Fanáticos de quê ? Por acaso conduziam flâmulas estranhas, bandeiras diversas, côres diferentes, na sua arrancada cega ?

Fanáticos de quê ? Porventura usavam fardas inimigas, falavam idioma exótico, buscavam novas formas de govêrno ?

Fanáticos de quê ? Rezavam em nome de outros oragos, benziam-se com a mão esquerda como os maometanos, sua cruz era dupla ou torta, como a "swástica" ?

Fanáticos de quê ? Desejariam êles despedaçar o Brasil, torná-lo inóspito ao sabor latino, ensombrar-lhe a História com o sangue dos simples ?

Ao cair das tardes, muitas vêzes no dorso das lombadas, projetando a sua sombra, comprida e magra como a de um profeta, abrangendo a região com o seu olhar vulturino, Antonio Conselheiro representava a estátua do desespêro indefinido, a surda exclamação de revolta do seu povo, contra o abandono, a solitude e o crime !

A sua bandeira era a da oposição à injustiça social, a sua religião, num sincretismo idólatra, reunia *orixás* africanos e santos do agiológio católico, e sua palavra de ordem, sêca e rápida, era um chispar de fogo entre as sarças ardentes. . .

Fanáticos de quê ? Da lealdade ! Eram fanáticos do ódio, da obediência inflexível, da disciplina leiga, das mais intrínsecas vontades e das qualidades mais puras, que nascem da terra comburida, do sertão maninho, dos talhos torcicolantes das capoeiras.

Eram fanáticos de um homem, no qual eternizavam tôdas as suas crenças e tôdas as suas virtudes. Não estava ali, na onda jagunça de Conselheiro, uma tropa militarizada, cujo sentido obedecesse à triangulação dos regimentos.

Às ordens de Conselheiro havia milhares de caricaturas dêle mesmo, milhares de corações iguais ao seu, milhares de brasileiros esfolados de sol, batidos na exploração do trabalho, abandonados como párias, desprezados como feras, bons, na suprema bondade que desce da natureza, aglomerados pela necessidade e pela esperança, essas duas bússolas das rebeliões sociais!

Eram fanáticos da lei biológica, traída pela lei política!

Analisando o fato, inexorável como uma tragédia de Ésquilo, Euclydes da Cunha foi um grande repórter, um formidável escritor. Como cientista, sua visada mediu-se em ângulos errôneos. As suas fontes foram inadaptadas, desajustadas, sem contagem própria. Quis encarapuçar o nordeste e o jagunço com as toucas da moda científica em voga. E elas não se ajustaram à realidade.

A sua suprema injustiça ao mestiço merece um reparo. Por incrível que pareça, por desatinado que semêlhe, foi o "mestiço neurastênico do litoral" quem dilatou as Tordezilhas, quem afastou os meridianos, quem plantou cidades, quem criou o Brasil!

Se não se nega, e isso é absurdo querer, o poderoso contingente de resistência do sertanejo, é de se ver que, entre os bravos de Macambira e Antônio Beatinho, a maioria era de mestiços, como entre os alucinados de Henrique Dias e Camarão, como entre os centauros loucos da Laguna, como entre os construtores dos cafèzais de S. Paulo, dos canaviais de Pernambuco e Campos, dos cacauais da Bahia e, sem dúvida, como entre os heróis da Cabanagem, da Sabinada, da Confederação do Equador e os irresistíveis de Monte Castelo, Soprassasso e Montése.

Êrro científico que humilha àqueles que constituíram no passado e representam hoje, nesta luta indômita pela emancipação econômica do Brasil, a própria base humana da nacionalidade !

Êsse um dos erros capitais do gênio mestiço. Êsse um dos seus tropeços mais candentes.

A visão científica, calcada em Hartt, em Taine e seu visceral positivismo, em Martius e seu protestantismo alucinante, em Buckle e seu enfeitiçante mas monotônico "determinismo geográfico", em Huxley, inteiramente mergulhado no seu materialismo naturalista, em Gumplowicz, um campeão do racismo, haveria de ser errônea e vacilante.

Pretendeu projetar na sociedade humana, a tortuosa realidade telúrica, como causa, da qual a dor social seria o efeito.

A influência mesológica se traduziu como um fator predominante na análise euclidiana. Na ambivalência contrastante entre a orla marítima e o tabuleiro do agreste, jogou êle com as concausas do imenso drama social do jagunço.

Ao lado disso, o escarmento de um clima desanimador, um ambiente cálido de deserto, e a profunda miscegenação que, servindo a êle de fatores de explicação, não conduzem, de fato, a nenhum raciocínio positivamente científico, como causas individualizadas.

Analisando a Amazônia, desencontrou-se de novo, na observação do jacumaúba. Em brilhante citação de Dorian Freire, um moderno exato, Euclydes explicava que "o calor húmido das paragens amazônicas deprime e exaure. Modela organizações tolhiças em que tôda atividade cede ao permanente desequilíbrio entre as energias impulsivas das funções periféricas fortemente excitadas e a apatia das funções centrais : inteligências marasmáticas, adormidas sob o explodir das paixões : inervações periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparados ou refeitos pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas"...

Note-se que o cabôclo ainda é um mestiço. E na mestiçagem afundou Euclydes a sua crítica, adotando a tese de Foville e condenando o nosso homem à afirmação de ser "quase sempre, um desequilibrado".

Avança mais, ainda na citação de Freire, para terminar — dizendo que "o mestiço é um intruso. Não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma cousa de dispersivo e dissolvente; surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes".

E pergunta Freire, com rigorosa sinceridade: — "Possuirão organizações tolhiças os amazonenses que resistem ao abandono da região e que ali desafiando os governos inéptos e a natureza cruel, conseguem sobreviver?"

E adiante: — "O mestiço que não lutou foi aquêle que expulsou os holandeses do Rio Grande do Norte e Pernambuco, que fêz causa comum com os negros nos dias da Abolição, é o soldado da borracha que entregou a Amazônia ao Brasil, o bandeirante que dilatou as nossas fronteiras, o herói de hoje que faz a marcha do oeste, ligando o país de norte a sul através da rota Belém-Brasília. Os degenerados e histéricos mestiços seriam alguns dos nossos melhores escritores, poetas, soldados, estadistas. Seria, inclusive, o próprio Euclydes, em última análise".

Antônio Conselheiro era, para Euclydes, o "gnóstico bronco". Produto de taras genealógicas, fruto de **gens** conturbada e aflita.

Sem dúvida, poderemos afirmar, e a larga paisagem dinâmica do Nordeste nos está a mostrar, com suas usinas de eletricidade, suas reprêsas ciclópicas, sua açudagem de pequenos mares interiores, se, ao tempo de Maciel fôsse outra a condição econômica da região, mesmo aquela árida e terrível do "raso da Catarina", não teríamos tido o aparecimento dêsse abantesma social! Se "Os Sertões" foi um livro marcante da Raça, ao jeito de um "Fausto" para a Alemanha ,de um "Paraíso Perdido" para a Inglater-

ra, de uma "Divina Comédia" para a Itália, de um "Lusíadas" para a Lusitânia, de um "Don Quixote" para a Espanha, de um "Gargantua e Pantagruel" enchendo tôda a França do Século XVI, de um "Facundo" para a Argentina, Euclydes da Cunha foi o "gênio da denúncia", como o crismou Paulo Dantas, ensinando brasilidade aos brasileiros, heroicidade aos militares, arte de escrever aos que de fato o entenderam, grandeza de coração e patriotismo a tôdas as gerações!

Visão Científica

Há que ver em sua obra, o desejo veemente da síntese, a ânsia da interpretação científica, a vertigem dos conceitos filosóficos, que pudessem espartilhar ao homem do agreste, impecàvelmente.

Por aquela época, andávamos a descobrir a Europa, com a sua Sorbone e o seu "Moulin Rouge".

Era chique lêr-se Julio Verne, fazia parte da educação citar-se a Salpétrière, como centro de estudos médicos.

Durante a época de Euclydes da Cunha, a humanidade principiava a enlouquecer. Os primeiros sinais eram visíveis.

A literatura científica começava a balbuciar. Analisar o mundo, pela imaginação, era moda. Os escritores procuravam estudar a América através do figurino europeu.

Fórmulas, esquemas, tendências. Onde existisse um grande nome a citar, fazia-se ponto final no raciocínio. Uns, adiposos na sua literatura, transportaram Paris para o Brasil, escrevendo facécias sôbre tipos de "boulevard", como se a janela dos seus valhacoutos se debruçassem na Place Pigalle ou na "bute" de Montmartre.

Os seus livros possuíam o odor dos vasos noturnos do Quartier Latin, de Montparnasse. A moda era ser francêlho, rabiscar sôbre os sovados gatarrões de Paris, esquecendo o caldeirão onde se derretiam...

Do Norte ao Sul, os intelectuais sonhavam com a França, escreviam sôbre a França, viviam na França. Cheios de motivos sul-americanos, cercados de um fabuloso mundo virgem, preferiam cheirar os fundilhos das "midinettes", fuçar nos alfarrábios dos buquinistas, às margens do Sena, infectar-se da sífilis gaulêsa.

A Rússia, com os seus românticos romancistas, a Inglaterra com os seus poetas heróicos, a Itália com o seu sensualismo harmonioso, a França, a Eterna, a Doce, a Maravilhosa França com os seus editôres, as suas noites do "Bal Tabarin", a sua "Rotisserie de la Reine Pedaucque", êsse era o mundo em tôrno do qual vibravam os escritores brasileiros.

Parecia mal não ter um artigo de jornal, uma crônica, uma reportagem, sôbre artistas ou coisas da vida francêsa. Conhecia-se mais os recantos, buates e bistrôs de Paris, do que as esquinas do Rio de Janeiro ou as praças da Bahia . . .

Não se havia ainda instalado em nosso país a doença das importações culturais dos "States", com os seus vícios, os seus transviados, os seus ritmos alucinantes a envolver tudo na onda enorme e confusa do "jazz".

Então, a influência era a do esterlino e a França brilhava como um medalhão de oiro no peito do mundo.

A suavidade de sua poesia, "le sanglot long, des violons de l'automne", a beleza de suas noites que começavam cá em baixo num olhar e terminavam entre as estrêlas, o murmúrio do Sena nos muralhões da Notre Dame, santificando-lhe as águas, o vasto e esmagador cenário da Lutécia como síntese da vida e da arte, consumindo a fortuna de ianques e latinos, tudo compunha a sonata cultural que dominava a América. Era belo, mas era estranho.

O que não trouxesse um sôpro de Instituto de França, o que não viesse com o sêlo da velha Gália, perdia em grandeza e entusiasmo criador.

Repetiam-se as mesmas frases, rebatiam-se os mesmos jargões, amassavam-se idênticos conceitos, reproduzindo-se nos livros dos nossos escritores, a vida decadente da Europa.

Eis o que significou a clarinada de **Os Sertões,** a personalidade inconfundível de Euclydes da Cunha.

Êle deu meia volta aos motivos centrais do seu tempo. Fêz o Brasil rodar para dentro de si mesmo, olhando-se, investigando-se, interrogando-se, medindo-se, no tempo e no espaço, num sentido autêntico de nacionalismo.

Foi um exegéta do nosso sertanejo, um descobridor de tipos, um entusiasta da nossa terra e da nossa gente.

Fêz literatura nativista, da mais viva e da mais pura, derramando sôbre ela, ingênuamente, aos golfões, uma série de conceitos científicos inadaptados e errôneos.

Era ainda o prestígio da Europa, desvirtuando a visada do gênio. Era o perfume da cultura européia desnorteando o faro agudo do perdigueiro nacional.

As criptas escuras do psiquismo

Disse eu, em despretensioso comentário, que a sociedade moderna, à altura de 1900, começara a elouquecer. Então, esbarra-se no conceito clássico, psico-patológico, da loucura. O que vemos por tôda parte é uma disseminação cada vez maior da esquizofrenia. A civilização do ocidente está minada pelo desequilíbrio sócio-cultural.

Não existe mais o pensamento da velha psiquiatria, que diferenciava o homem-são, do homem-doente, pela aferição **qualitativa.**

A angústia de Kierkegaard invadiu todos os territórios do pensamento. A somação de tôdas essas angústias deu no clima de insuportável crepitação do mundo moderno.

Ao tempo de Euclydes, a "science-fiction" era terráquea, desvendava mistérios geográficos, invadia zonas

desconhecidas, conduzia o gérmen daquilo que terminou por fazer dos Estados Unidos um colosso que foge de si mesmo. . .

Julio Verne era o tipo clássico do "science-fiction" da éra euclidiana. A viagem ao centro da Terra, a deliciosa aventura de Keraban em tôrno do Mar Negro, a maravilha das Vinte Mil Léguas Submarinas, o drama do Capitão Hateras no pólo, a Aventura dos 3 Russos e 3 Inglêses, tudo ao sabor da ciência mais pura, porém com uma convicção : — "a vitória do Homem, o homem com os pés na terra ou nos aparelhos, descobrindo o seu mundo, vencendo pelo conhecimento e pela cultura. Parecia uma literatura didática, embora espevitante. Era só o comêço da doença kierkegaardiana. Procurar em que crer, buscar um objetivo no qual fixar-se. Isso é angústia, sem dúvida, a face ostensiva da estonteante angústia do homem moderno.

E Otto Maria Carpeaux crê que essa angústia de Kierkegaard é uma falta de apôio cósmico do Homem. É uma procura, uma tentativa, uma desesperada investigação.

Da mesma maneira que afirmamos que a civilização moderna do ocidente é uma adaptação à velocidade, temos que reconhecer que o desaparecimento da exploração do homem pelo homem anula todos êsses abantesmas, afasta do ser humano essa tendência à angústia kierkegaardiana e proíbe, espontâneamente, a eclosão dos dramas à Kafka, por ausência de substância.

O que acontece na civilização ocidental, que é uma adaptação à velocidade, é a procura, fixa e inexorável, do psiquismo humano à fuga.

O "science-fiction" revela essa angústia, essa adaptação à velocidade e essa fuga. A esquizofrenia do momento é uma fuga permanente ao fantástico drama da escravidão social do homem. A provocação do século é a transformação do homem-indivíduo pelo homem-Gestalt, o homem social. O desdobramento está com o gérmen no ventre do século, no sangue do organismo moderno e não

admite a técnica da rebeldia justiceira de Kafka ou a climatização interior patológica de Herman Hesse.

Homens adultos, velhos, lêem e se deliciam com histórias em quadrinhos, com os Flash Gordon, os Buck Rogers, os Capitão Marvel, os Super-Homens e até os Super-Ratos, criaturas de um mundo alucinado, que vai da infância à maturidade na mesma evolução esquizofrênica, na mesma tendência à fuga, que é a única defesa do homem ocidental à infalível epidemia psicopática da atualidade.

Declara com fundas razões o sr. Otto Maria Carpeaux que "na Terra há problemas mais interessantes do que na Lua ou em Marte". A fuga é, pois, um sintoma patológico de alienação social, levando as multidões desorientadas pela opressão, pela miséria, pelos problemas sociais, à crise que se avizinha e dentro da qual se cumprirá o vaticínio dos Evangelhos : "Não restará pedra sôbre pedra".

Nem Ruyer, no seu meticuloso "L'Utopie et les Utopies", nem Heinlein com o seu "O Homem que vendeu a Lua", nem Bradbury com o seu "The Martian Cronicles", ou os existencialistas Bobbio e Simak, e Tubb e Van Vogot, nenhum dêles perderá sua atualidade, dentro do conceito verídico da alucinação social, criando uma sociedade doente, enfêrma, angustiada.

Em Euclydes da Cunha, a angústia o conduziu a projetar, sôbre a imensa e ululante sociedade amorfa e resfolegante de Canudos, a sua própria personalidade.

O desassossêgo do testemunho

O século começava a enlouquecer. E' necessário que se olhe um pouco para determinados ângulos da personalidade do monstro e ter-se-á, em "close-ups", motivos e pretextos para saber-se por extenso, até onde penetrou, no campo social, o temperamento árdego e indomável do "gênio da denúncia".

A sua reportagem sôbre a Campanha de Canudos, dos frêmitos de Monte Santo ao massacre do Cambaio, foi uma catarse emocional de personalidade.

Extravasou o seu psiquismo, enveredando pelas cumeeiras da ciência em voga, antolhada e difícil, desnorteada nas suas legítimas diretrizes, buscando *nos fatos naturais*, na ciência da terra, motivos essenciais à tragédia, que desfilou diante dos seus olhos espantados.

Por essa época, a "science-fiction" ainda não atingira, como de resto a doença social, um **climax** de fuga vertiginosa, como o de hoje.

O escritor *analisava* o seu mundo, para os que dêle ignoravam. A Terra ainda não estava esquadrinhada e deserta para os arremessos da imaginação angustiada. A *fuga ainda era fácil*. Para um escritor brasileiro, falar dos sertões maninhos, absolutamente virgens à nossa percuciência, era como a Julio Verne, descrever as savanas da África central ou as banquizas do Ártico, com os seus rebanhos de lemíngües.

Hoje a "science-fiction" invadiu as órbitas planetárias. As pistolas atômicas atemorizam sêres aracnídeos de Marte e Venus, *cavam* "hole foxes" na Lua e já pensam em Ganímedes, na órbita de Júpiter, da mesma forma que a astronomia já considera artificiais a Fobos e Deimos, os dois satélites de Marte, observando os seus movimentos retrógrados de translação.

O homem ocidental, inteiramente alucinado, busca nos espaços etéreos, alimento para a sua doença vertiginosa.

Comprimido como um bagaço de laranja pela explotação do trabalho e pelo esmagamento de tôdas as crenças, foge.

Mas a Terra já é um planêta super-devassado. Surgem, então, dois métodos de viagem: — um para dentro, engendrando motivos inexistentes e caindo na enfermaria dos hospitais, no rumo de Kafka ou de Hesse; o outro, na vertigem dos foguetes, buscando astros e estrêlas, com a audácia dos Super-Homens...

O "Homo Neanderthalensis" foi substituído pelo "Homo Gestaltensis". A evolução não conforta, não

premia, não dá esperanças. A esquizofrenia é a moeda que corre no presente, enchendo os bancos sociais do futuro.

O paradoxo é atroz. Num século em que se está destruindo a lepra, a tuberculose e a poliomielite, num momento psicológico em que a virologia está quase pegando pela gola o responsável pelo câncer, a esquizofrenia assume caractéres de pandemia irremediável. A vingança morbígena passou do plano somático para o psíquico e dêste para o artístico e literário. Os que não têm imaginação, e não podem acompanhar, seduzidos, o mistério espacial dos **discos voadores,** enchem as páginas dos jornais com suicídios em massa.

O "rock'roll", o "calipso", o delírio das lambretas, a desordem moral dos lares, o extermínio da autoridade paterna, os romances de taras, os dramas sombrios, a insensibilidade às agressões à honra e à virtude, tudo faz parte da tragédia esquizofrênica do século. A "science-fiction" é uma janela de evasão. E' um escape.

Uma clarabóia no turbilhão

Há um clima de fuga em Euclydes da Cunha, quando não responde às verdadeiras razões sociais de Canudos e quando procura, na política ultrapassada, um remédio para o descalabro brasileiro, já àquela época. Isso se encontra numa carta, escrita pelo Mestre de OS SERTÕES a Francisco Escobar, seu amigo. Note-se, em tôda linha, a derrota ideológica do homem, as contraturas de sua indizível decepção, a consciência de um fim de tempo no qual, como um mártir, êle aconselha atolar-se na resignação.

Leia-se a carta : —

"Lorena, 21-4-1900. Escobar, respondo a tua última carta. Ontem te escrevi. Mas como é preciso responder logo a tua pergunta inspirada pelo último discurso de Martim Francisco — renovo a carta.

Também me impressionou aquela belíssima oração — embora aquêle homem tenha o mais desastrado dos critérios, como historiador. Veja o que diz êle do Padre Feijó — cujo perfil napoleônico e escultural é certamente a mais bem acabada figura de lutador de tôda a nossa história. Revolta-me vê-lo tratado daquele modo. Por outro lado quanta verdade considerando a nossa situação atual ! E que adorável ironia ! E que felicíssima descoberta dêste Pais Ferreira, cuja face murcha orlada de umas suíças safadas é a fisionomia exata — (um prodígio de síntese orgânica) dos nossos politicões. Mas penso contigo : a nossa raça (?) está liquidada. Deu o que podia dar : a escravidão, alguns atos de heroísmo amalucado, uma república hilariante e, por fim, o que aí está — a bandalheira sistematizada. A monarquia só nos poderia salvar se fôsse heróica. Uma monarquia guerreira e atrevida. Imagina um Carlos XII arremessando-nos sôbre o Prata e subjugando a Argentina... Mas onde o encontrar ? E onde estão os suécos ? Quer isto dizer que a restauração não resolve o problema. Resignemo-nos".

Eis o retrato da fuga frustrada.

A "science-fiction", mais tarde, daria frutos no "Contrastes e Confrontos" e, por fim, no "À Margem da História", saciar-se-ia na vorticosa bacia amazônica, túmulo de todos os neurastênicos, berço de homens-sínteses, testemunhas do período neolítico nos seus métodos de trabalho, sofredores do feudalismo mais remoto e cujos brados enfermos a floresta deglute, sem vestígios...

Uma das teses de Euclydes da Cunha, em pleno regímen de "science-fiction", fácil de compreender-se ao princípio do século, mas desmentida pela observação moderna é o apôdo lançado ao rio Amazonas, como rio-réprobo, rio-sabotador, rio-impatriota, que arrasta a Amazônia para o gôlfo do México, lançando sôbre o Yucatã as nossas terras, roubadas ao Brasil.

Em 1900 era possível uma visada como essa, iludido o observador com a viagem aparente das ilhas transitórias...

Hoje, sabe-se que o rio Amazonas está provocando no seu estuário, mercê do carreiamento dessa tonelagem de "humus" e muito mais pelo represamento natural, um açoreamento permanente .

Fecha-se, lenta e fatalìsticamente, a chanfradura amazônica. As enchentes em todo vale são cada vez maiores e os cíclos das enchentes catastróficas se fundem, cada vez mais próximos.

As vasas, depositadas na bôca do gigante, formam as "terras imaturas", de constituição recente, ótimas para a agricultura, na distribuição dos **schorre** e dos **slike,** recobertos de mangais, formando lagos represados, lagos de barragem, que serão transformados em "terras firmes".

O golfão amazônico aumenta, progressivamente as suas ilhas deltáicas e eleva, a cada enchente, o nível de suas águas, relembrando o Mar Interior do período terciário.

Na trama de Breves, essa colmatagem incessante dos antigos "furos", dará, sem dúvida, à fisionomia do estuário um aspecto de emparedamento. O destino aluvional das várzeas não é fugir para o México. E' formar, pela sedimentação, novos territórios de cultura, inclusive determinando, à bacia hidrográfica, uma autodefesa na sua ulterior configuração lacustre, desmesurada e intraduzível.

Bem estudado pela alta competência do professor Antonio Teixeira Guerra, o fenômeno das "rias dulcelíquidas" da foz do Amazonas, foi êle também objeto de atenção de Pierre Denis, Gourou, e Ruellan, numa pesquisa de interpretação. O rebaixamento do fundo oceânico gera essas "rias", sem imobilizar o conceito que defendemos. Há um açoreamento intensivo, que bem pode ter começado quando o rio Pará, para mim um dos canais do rio Amazonas, era sòmente um dos seus braços, recebendo o apôio do Tocantins, como um subsídio.

Breve, teremos que drenar a embocadura norte do titã, que hoje, com os estudos recentíssimos, acompanhados pela reportagem de O GLÔBO, do Rio de Janeiro, numa

das mais sensacionais viagens do mundo, em todos os tempos, dá ao Amazonas, nascente no Vilcanota-Yucaiale, nas vizinhanças do Titicaca, com uma extensão muito superior à do Nilo e à do Mississipi-Missouri, acabando de vez com a veleidade alienígena em tôrno do soberano do universo.

Teremos de drená-lo, se quisermos permitir-lhe o ingresso de embarcações de médio calado. Os "deltas laterais", da própria concepção euclidiana, serviram de espinhas, arrefecendo essa "ânsia condutora" e dando, ao arquipélago do grande canal o papel de barragem natural, para formação de novas extensões de terra arável.

A visão de 1900 foi devorada pela realidade de mais meio século. O "science-fiction" foi, mais uma vez, a fuga.

O dono do cérebro

Quando divergimos de Euclydes da Cunha, cientìficamente, consideramos o seu raciocínio na ciência social. Não chegaremos ao destempêro de julgá-lo um simples manipanço de Orville Derby, no manejo da ciência natural. A geologia era um dos seus temas de sedução e nela Derby prestou-lhe auxílio incontestável. Mas a meticulosidade no descortino dos fenômenos, em Euclydes, era tão firme e tão à flor da pele, que Alberto Rangel viu nêle o "dom de adivinhar" e sentiu que sua "alma era educada nos êxtases do patriotismo, na sensibilidade das grandes causas do mundo".

Escragnolle Doria declarava que, em tôda a vida de Euclydes, "uma cousa jamais nêle arrefeceu : — o amor da Pátria". E foi por êsse sentimento, alto e vertical, que Afrânio Peixoto disse dêle, "que fôra o novo bandeirante de uma nova entrada pela alma da nacionalidade brasileira".

Nas ciências naturais, nada obstante o poderoso amparo de Orville Derby, foi êle o dono do cérebro.

Catalogou cêrca de 34 espécies vegetais nos sertões da Bahia. Viu, como ninguém, a botânica dos descam-

pados, das aglomerações xerófitas, mergulhando nas savanas para surgir com um verdadeiro tratado de botânica paciente. O "trêcho maldito" da geografia dos ineptos, o sertão adusto e majestoso, compareceu no seu livro como um novo manancial florístico.

Assim o foi com a descrição das "favelas", vegetais ignotos até êsse momento, de fôlhas cáusticas e frutos sazonados, no gênero das leguminosas; o umbuzeiro, essa vaca vegetal do nordeste; o araticum, o ouricuri estóico, a mari esgalga, a quixaba modesta, as palmatórias que alimentam, "in extremis", os mandacarús, talhados a foice, o juá que sustenta os animais, os cunanãs, "dependurando-se dos galhos como grinaldas fantásticas", o candombá, cujos galhos incendiados espantam as onças deslumbradas nos desvãos da caatinga . . .

Foi um botânico, sério e atento.

Gog e Magog

Há uma transferência de personalidades, à análise de OS SERTÕES. Euclydes era um homem de costumes áridos, rijos, ásperos.

No fundo, era um vingador. Êle sentia isso, fervia-lhe isso nos nervos, no sangue, na consciência. O espetáculo confrangia. Um país imenso, de úlcera no estômago, estendia a língua sôbre o Atlântico, esperando a gôta de champanhe francêsa. Uma sociedade inteira, de pernas atoladas no mar, levando ao lombo uma bagagem sinistra de atrazo, de ignorância, de miséria social, dava-se ao luxo de conversar em francês, de esquecer as suas substanciais populações hinterlandinas.

O psiquismo do mago da literatura nacional eriçou-se em revolta diante dessa corrosiva indiferença.

Das calcinhas de renda aos brincos primorosos, as nossas damas eram vedétes de Paris, sôbre um baixo fundo social de lesmas humanas.

Um sertão, sem têrmo, bradava, atroador. Uma charneca, povoada de visões e de esqueletos, como em grande parte agora, criava duendes horripilantes, sêres de uma antologia de mártires, que ainda vemos a cruzar rodovias distantes, clamando sem cessar no amplo deserto nordestino. A diferença é pequena : o jagunço de ontem, tornou-se o "pau de arara".

Ainda na carta citada, Euclydes revela êsse sentimento espinhoso : — "Quanto ao livro o Laemmert pelo que vejo não o dará no fim dêste, como está escrito no contrato. Está pronto apenas a 1.ª parte e começada a 2.ª. Em todo o caso tenho recebido as provas tipográficas, e creio que a publicação se fará até fins de maio. Seja como fôr, porém, alenta-me a antiga convicção de que o futuro o lerá. Nem outra coisa quero. Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida — o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, cobarde e sanguinária. . ."

O vingador ! Isso êle o foi e se confessou. Mas, o que terá sido também Antônio Conselheiro ? Que estranha semelhança entre os dois regímens de conduta ! Euclydes sentia-se transfusionado no seu personagem, era um "alter ego" do místico de Canudos, era uma feição daquele drama inenarrável, conduzia dentro de si o brado de todos os oprimidos, levava consigo os clavinotes e as lazarinas da "rèvanche", compreendia o impulso daquela manada humana às ordens de um "*out-law*" histérico, sacudia-se de indignação diante da crueldade dos soldados legais, vibrava com os combates crepitantes, nos quais a estratégia cabôcla era um lucilar de inteligência e de coragem, sentia que o transcurso da guerra intestina, mesmo com a perda do objetivo, era uma formidável imprecação de ódio e de pudor, frente à insensibilidade litorânea !

O vingador Euclydes foi a clava da justiça que Antônio Conselheiro deixou para a Eternidade !

Todos os dois homens místicos e secos, ambos silentes e profundos, ambos destemidos mas frios, ambos de aparência lógica com um turbilhão a agitar-lhes o íntimo, ambos

irmãos da Morte, ambos fachos da redenção e da Dor, ambos abraçados no mesmo destino que terminou em dois túmulos de honra : — um no templo arruinado de Canudos, o outro numa casa sinistra no subúrbio de Piedade, no Rio de Janeiro.

Euclydes da Cunha dever-se-ia ver, de certo modo, em Antônio Conselheiro. Se êste houvesse conhecido Euclydes, ter-lhe-ia entregue o estandarte da rebeldia e da honra !

Os dois se completavam. O Caliban do agreste e o gênio eriçado da Metrópole; o bonzo crucificado na História e o escultor que o esculpiu para sempre. O ouvido sôfrego do jagunço, que escutou, alguns dias antes do fim, a última ordem balbuciada pelo seu Chefe, hirsuto e horrendo, levava uma vibração ignota de Euclydes da Cunha.

Teria sido a síntese de tôdas as ordens da epopéia francesa de Waterloo : — "Morram mas não se rendam !".

E é Euclydes quem coroa essa hora espartana, ponteados os cabeços pelos últimos raios de sol na homenagem aos lacedemônios pardos :

"Canudos não se rendeu. Exemplo único em tôda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do têrmo, caiu no dia cinco, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas : um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados".

Nêsse momento, como se das cruzes da Tróia do sertão subisse ao céu um monumento eterno, a figura de Euclydes da Cunha quedou-se finda, na imortalização de sua própria vingança !

Sem dúvida, Euclydes é muito maior do que OS SERTÕES.

Êsse conceito brilhante de Gilberto Freire reduz ao seu limite, o arroubo estonteado em tôrno de uma obra. A sua personalidade é, por si mesma, a maior glória da nossa literatura.

As etapas do Tempo

JORNAL DE ALA, flor da imprensa literária da Bahia, na época inolvidável de Carlos Chiacchio, fêz publicar a mais perfeita Cronologia de Euclydes da Cunha. Sabê-lo excicado nos seus períodos mais alegres, duro e indomável nas suas reações mais íntimas. Aqui e ali pontilhado de efervescências, quase sempre dominado por um sentimento de solitude que o acompanhou até o túmulo, o seu destino foi uma amputação precoce, imobilizando-o na tristeza, com a perda de sua mãe aos 3 anos de idade.

Veio ao mundo na "Fazenda Saudade", em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo, no Estado do Rio, a 20 de janeiro de 1866. Daí, até a sua morte, a 15 de agôsto de 1909, encheu o Brasil dos mais perfeitos artigos de estudo antropogeográfico, dos livros mais opulentos na descrição do nosso país e de nossa gente.

Publicou OS SERTÕES em 1902, o mais completo breviário cívico do Brasil; o "Relatório da Comissão Mixta Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus" em 1906; "Contrastes e Confrontos" em 1907; "Peru versus Bolivia" em 1902; "Castro Alves e seu Tempo" em 1907; "À Margem da História" em 1909.

Era do seu desejo escrever, conforme o seu Epistolário, outros preciosos trabalhos como: — "História Sul Americana", "Origem do Brasil Contemporâneo", "História da Revolta" e "Um Paraíso Perdido".

Sôbre sua vida e sua obra escreveram, em altibaixos, Silvio Romero, Francisco Venâncio Filho, José Veríssimo, Araripe Junior, Alberto Rangel, Afrânio Peixoto, João Pinto da Silva, Oliveira Lima, Teodoro Sampaio, Lacerda Filho, Artur Mota, Roquete Pinto, Coêlho Neto, Arnaldo Pimenta da Cunha, Eloi Pontes e, entre os modernos, Afrânio Coutinho, meu ilustre colega de turma na Faculdade de Medicina da Bahia e um dos mais agudos críticos brasileiros, Paulo Dantas, Cassiano Nunes, Dorian Freire, Heitor Ferreira Lima.

Transcrevemos **data venia, ipsis litteris,** a sua Cronologia, tão rica de ensinamentos nos seus próprios silêncios, tão rara e prestante para um vôo sôbre o destino amargo dêsse condor do pensamento indígena.

1866 — 20 de janeiro — Nasce Euclydes da Cunha.

1866 — 24 de novembro — Batismo na Igreja de Santa Rita do Rio Negro, em Cantagalo, onde o povo colocou depois, em um dos jardins da cidade, o seu busto.

1869 — Perda de sua mãe, D. Eudoxia Moreira da Cunha.

De 1869 a 1870 — Passou em Terezópolis, na companhia da família do dr. Urbano Gouvêia.

1870 — Perda de sua tia, Rosinda de Gouvêia, sob cujos cuidados vivia.

De 1871 a 1873 — Em S. Fidelis, com sua irmã Adélia, na "Fazenda São Joaquim" de sua tia Laura, casada com o Cel. Magalhães Garcez.

De 1874 a 1876 — Ainda em S. Fidelis. Primeiros estudos no "Colégio Caldeira".

De 1877 a 1878 — Na Bahia. Com seus avós paternos. Estudos no "Colégio Bahia".

1879 — No Rio de Janeiro, sob os cuidados do seu tio paterno Antonio Pimenta da Cunha, matriculando-se no "Colégio Sul Americano".

1879 — 25 de novembro — Presta o seu primeiro exame de português.

De 1880 a 1882 — Colégios "Vitório da Costa", "Menezes Vieira" e preparatórios.

De 1883 a 1884 — "Colégio Aquino" e primeiras publicações em O DEMOCRATA, pequeno jornal de colegiais.

1884 — 15 de março — Exame de matemática perante a Esc. Politécnica.

1886 — 20 de fevereiro — Assenta praça na Escola Militar.

1888 — 4 de novembro — Incidente na Escola Militar.

(Abrimos um parêntesis. E como foi êsse incidente? Que fim teve? Que observação nos resultou dêle?

Urge repetí-lo, na referência de Heitor Lima.

Sob o sol carioca, que enchia a vastidão de um cenário de opereta, ia-se realizar uma cerimônia fardada. A velha Escola Militar da Praia Vermelha, estava formada em posição de sentido, na solenidade do ato que se constituía na passagem em revista à tropa de elite, pelo Ministro da Guerra do Império. A farsa estava preparada. O prestígio emocional da Monarquia periclitava. Minava-a a semente intelectual de Benjamin Constant, falando aos moços, os rasgos republicanos dos poetas e dos artistas. O mundo marchava. O Brasil organizava-se em novos moldes liberais. O barrete frígio volitava sôbre a cabeça do índio. A cerimônia militar de revista era intencional, preparada com o fito de alicerçar o prestígio do trono, entre os jovens, neutralizando a propaganda subversiva.

Era o crepúsculo do reinado. Pedro II perdera em consistência, a sua impopularidade invadia tôdas as frinchas sociais, menos por êle do que pelo ridículo dos cortesãos, empanturrados em regabofes e promiscuídos em escândalos amorosos.

O clarim retine. A luz faz coruscarem botões doirados e cintos metálicos na cortina humana da juventude militar. Os rostos moços estão sérios. O Ministro Tomaz Coêlho, ao lado do Comandante da Escola, avança em marcha lenta. Está grave e garboso. O povo, testemunhando o fato, cerca a praça, de longe, sob o abrigo do matacão de pedra da Urca. Perto dali, no começo do Brasil, desembarcara, cortante e decidido Estácio de Sá, fundando a cidade.

Havia, no ambiente, um sôpro de fatalidade. Beleza e ameaça. Súbito, do meio da tropa, rápido, erecto, olhos fuzilantes, surge um dos cadetes, diante do espanto do Ministro da Guerra e do Comandante da Escola Militar e, num gesto brusco, puxando a espada, quebra-a nos joelhos e joga-a num gesto de desprêzo, aos pés de Tomaz Coêlho.

Em seguida, vira-lhe as costas e se recolhe, intrépido e pálido, ao seu lugar. Quem fizera êsse gesto republicano de protesto contra a farsa fôra o cadete Euclydes da Cunha !

Logo-depois, foi expulso da Escola por "incapacidade física", dado como louco. Só um ano mais tarde, em plena República, o cadete revêsso voltava à Escola, a pedido dos seus colegas, gloriosamente, concluindo o seu curso na arma de artilharia).

Retomemos a Cronologia.

1888 — 28 de novembro — Primeiro artigo na "Província de S. Paulo", edição n.º 4.124, sob o título : — "Questões Sociais".

1889 — 28 de janeiro — Ida para a Esc. Politécnica do Rio de Janeiro.

1889 — 22 a 28 de maio — Últimos artigos da "Província de S. Paulo", intitulados "Homens de hoje".

1889 — Vários meses : — Artigos na "Gazeta de Notícias".

1889 — 19 de novembro — Reintegração no Exército.

1889 — 21 de novembro — Alferes aluno.

1890 — Janeiro — Conclusão do curso de artilharia.

1890 — 14 de abril — Segundo tenente, depois do curso técnico.

1891 — dezembro — Completa os estudos na Escola de Guerra.

1892 — 9 de janeiro — Primeiro Tenente e praticante da Estrada de Ferro Central.

1893 — 22 de dezembro — Designado para dirigir as obras de fortificações das trincheiras da Saúde, contra os revoltosos.

1894 — 18 a 20 de fevereiro — Protesto pela "Gazeta de Notícias" sob o título "A Dinamite".

1894 — Fevereiro — Dirigindo obras de fortificações junto às Docas Nacionais.

1895 — 28 de junho — Agregado ao Corpo do Estado Maior de 1.ª classe.

1896 — 13 de julho — Saída do Exército.

1896 — 18 de setembro — Engenheiro ajudante da Superintendência das Obras Públicas de S. Paulo.

1897 — 14 de março — Primeiro artigo, no "Estado de S. Paulo" : — "A Nossa Vendéa". Relativo à campanha de Canudos.

1897 — 17 de julho — Segundo artigo, no "Estado de S. Paulo", também sôbre Canudos.

1897 — Agôsto — Partida para a Bahia.

1897 — 7 de agosto — Primeiro artigo da Bahia, para o "Estado de S. Paulo" escrito sôbre o panorama da Capital.

1897 — 31 de agôsto — Partida para Canudos.

1897 — 10 de setembro — Chegada a Canudos.

1897 — 9 de outubro — Volta a Salvador.

1897 — 17 de outubro — Partida da Bahia, de retôrno ao Rio.

1897 — Outubro — Chegada ao Rio. Publicação no "Jornal do Comércio", do plano de "A Nossa Vendéa", duas partes : — A "Natureza e o Homem".

1897 — Outubro — Chegada a S. Paulo.

1897 — 26 de outubro — Último artigo do "Diário de uma Expedição", no "Estado de S. Paulo": "O Batalhão de São Paulo".

1897 — Outubro — "Fazenda São Carlos do Pinhal". Ataque do livro, com retificação e ampliação do plano primitivo de "A Nossa Vendéa", para "Os Sertões". 1898. Engenheiro das Obras de São Paulo.

1898 — 19 de janeiro — Primeiros excertos dos "Sertões", no "Estado de São Paulo".

1898 — 5 de fevereiro — "Climatologia da Bahia", no Instituto Histórico, porventura aproveitado em "Os Sertões", que não se inclui nominalmente em sua bibliografia.

1898 — Ponte de São José do Rio Pardo. Trabalhos preliminares da ponte e, nos intervalos, retomada de OS SERTÕES, na barraquinha.

1900 — Maio — Acabamento de OS SERTÕES. Mandado à cópia do calígrafo Augusto.

1901 — 15 de janeiro — Promovido a Chefe de Distrito.

1901 — 18 de maio — Inauguração da ponte de São José do Rio Pardo.

1901 — Dezembro — Carta de Garcia Redondo a Lúcio de Mendonça, apresentando OS SERTÕES.

1902 — Janeiro — Primeiras provas de OS SERTÕES.

1902 — 14 de maio — Primeiras páginas impressas de OS SERTÕES.

1902 — 10 a 29 de outubro — Correção a nanquim e ponta de canivete do livro impresso.

1902 — Dezembro — Aparecimento de OS SERTÕES.

1903 — 19 de fevereiro — Esgotada a primeira edição.

1903 — Julho — Segunda edição de OS SERTÕES.

1903 — 21 de setembro — Eleição para a Academia de Letras.

1903 — 20 de novembro — Posse no Instituto Histórico.

1904 — 15 de janeiro — Nomeado engenheiro fiscal das Obras de Saneamento de Santos.

1904 — 22 de abril — Exonerado a pedido.

1904 — Agosto — Nomeação para a Comissão do Alto Purus.

1904 — 26 de outubro — Mapa da região abrangida pelo litígio do Acre.

1904 — 13 de dezembro — Partida do Rio de Janeiro, no [illegible]

1904 — 30 de dezembro — Chegada a Manáus.

1905 — 5 de abril — Partida de Manáus para as nascentes do Purus.

1905 — 21 de maio — Naufrágio de um grande batelão, com gêneros, utensílios e objetos da Comissão, na volta de S. Brás, no rio Purus.

1905 — 13 de junho — Em Muronal, primeira barraca peruana, no Alto Purus.

1905 — 25 de junho — Em San Juan — Peru —, revolta de 5 soldados contra os expedicionários.

1905 — 14 de agôsto — Chegada às nascentes do Purus, com reduzido grupo de temerários.

1905 — 23 de outubro — Regresso da Comissão a Manáus.

1905 — 16 de dezembro — Conclusão dos trabalhos em Manáus.

1905 — 18 de dezembro — Posse na Academia de Letras.

1907 — Abril — Esbôço geográfico do departamento do Alto Juruá e o contôrno da fronteira com o Peru.

1907 — Publicação de "Contrastes e Confrontos".

1907 — Setembro — Publicação de "Peru versus Bolívia".

1907 — Outubro — Mapa da região compreendida entre os rios Acre, Abunã, Tahuamanu e Orthon.

1907 — 2 de dezembro — Conferência sôbre "Castro Alves e seu Tempo", realizada no "Centro XI de agôsto", em S. Paulo.

1908 — Trabalhos no Ministério do Exterior.

1908 — Preâmbulo do "Inferno Verde", de Alberto Rangel.

1908 — Maio — Carta de uma parte da lagôa Mirim.

1909 — 17 a 25 de maio — Prova escrita e oral do concurso de lógica no Colégio Pedro II.

1909 — 14 de julho — Nomeação para o Colégio Pedro II.

1909 — 21 de julho — Primeira aula no Colégio Pedro II.

1909 — Julho — Esbôço da região litigiosa Peruvio-Boliviana.

1909 — 15 de agôsto — Assassinado.

O ato brutal, trágico, cortante como um golpe de navalha, enlutou o país. Espaldeirou as consciências, violentou as atenções, sacudiu de norte a sul uma nação ainda emocionada com o surgimento de OS SERTÕES.

Foi uma sequência sombria de drama grego, ou a reprodução da descida fulminante do punhal de Brutus, seccionando a História.

39 dias depois dêsse golpe surdo e fundo no coração do Brasil, veio ao mundo o humilde escritor que vos fala. Nasci sob a vertigem emotiva dêsse assassinato. Não poderia, pois, como artista, deixar de ser um euclidiano, vindo à luz sob o signo da desgraça de um dos maiores gênios da nacionalidade.

Surprêsas literárias

Quando escreveu OS SERTÕES, Euclydes não havia ainda lido os clássicos maiores da língua portuguêsa. Foi por essa época que alguns amigos preciosos de São José do Rio Pardo lhe colocaram às mãos, Vieira e Bernardes, Herculano e Camilo. A "Nova Floresta" foi como uma silva enfeitada que se abrisse à sua admiração. Vieira deu-lhe tônicos à arte de explanar. Nas estupendas reportagens de Olímpio de Souza Andrade, pesquisador infatigável, homem e repórter que percorreu com impressionante meticulosidade todos os varadouros literários do Mestre, seja nos ásperos caminhos da Bahia, seja nos refúgios

remansosos da Paulistânia, nos recuados silêncios de S. José do Rio Pardo, encontramos fatos e narrativas que espantam, que perturbam, menos deprimentes que inéditas, sôbre a monstruosa e inacreditável compositura de OS SERTÕES.

Iremos encontrar os legítimos colaboradores da grande obra. Iremos sentir as hesitações do gênio nos arroubos da História Natural, cujo bastão principal foi Orville Derby.

Iremos admirar-nos com o desconhecimento que Euclydes tinha dos clássicos da língua portuguêsa, êle que é, sem dúvida, um clássico. Iremos ver de como se alvoroçaram na sua ingenuidade, os sertanejos paulistas que o assistiram, prodigiosos na sua inocência, como o foi Pasteur, esmagado e ignorando o motivo central da ovação que recebera na Academia de Ciências de Paris, arriscando ao seu acompanhante, à porta do anfiteatro majestoso onde estrugiam as palmas, esta pergunta : — "Quem é o sábio que está recebendo essa homenagem ?"

Áurea Ribeiro de Souza Andrade, Cornélio de Souza Leite, João Modesto de Castro, José Honório e Pascoal Artese foram testemunhas dessa época memorável.

Francisco de Escobar foi uma personagem central da éra riopardense.

Prefeito da cidade e amigo fraternal de Euclydes da Cunha, cultura sólida e lavada numa erudição cuidadosa e abrangente, Escobar foi um colaborador constante, um fornecedor de subsídios, um potencial de aumento dos já robustíssimos conhecimentos do escritor.

Era, na observação fulgurante de Souza Andrade, uma "espécie de Cardeal Mezzofanti, lembrando também a figura singular daquele Tautphoeus que Nabuco fêz reviver em "Minha Formação", tudo sabendo, informando tudo sôbre qualquer assunto, a qualquer momento, como se fôsse uma enciclopédia; verdadeiramente, como o outro, "um sábio da Grécia, praticando com o espírito e a inteireza pagã, a filosofia do Eclesiastes : — **vanitas, vanitatum** . . .

Foi José Honório, íntimo do Mestre de "À Margem da História", quem se escandalizou com as suas deficiências literárias, lendo e relendo como novidade a Vieira e Bernardes e os transformando em comentário de conversa trivial...

Tanto se arrebatou êle com a revelação dêsses dois condutores da dialética vernacular, que se apropriou da seleta de Honório, junto com um volume de Aires do Cazal, nunca mais os devolvendo...

Valdomiro Silveira refere que, conversando com Euclydes, ficou estatelado com a declaração dêle, afirmando que nunca lêra nenhum dos prosadores portuguêses. Isso poderia gerar a tése de que não é necessário lê-los para se ter um estilo perfeito...

Argumentando, Valdomiro pôs-lhe às mãos Herculano e Camilo, pedindo-lhe que lhe fornecesse mais livros dêsses clássicos, dos quais tanto havia saboreado. Bebeu o "Monje de Cister", àvidamente. Dias depois, encontrando Valdomiro, despejou : — "Silveira, o Herculano é pesado!"

Diante do impacto com que foi recebida a frase, acrescentou : — "Mas tem o pêso do ouro maciço..."

Gilberto Freire, autoridade nacional em sociologia, reafirmou Arrojado Lisboa, declarando que Euclydes fôra tonificado pelo auxílio técnico do sábio Orville Derby, em Geologia.

Não só Orville Derby, mas Teodoro Sampaio, também.

Euclydes declarava, aos que conviviam com êle, não ter tempo para enredar-se nessas matérias.

Com uma vasta cultura, êle demonstrou que o enciclopedismo de sua época já não resistia ao mergulho das especializações.

Não foi, pois, pela ciência, que nós devemos considerá-lo. Foi um rio turbilhonante que, à foz, não tornava reconhecíveis as águas de nenhum dos seus tributários.

O que estarrece nêle é a intuição e a Arte, o poder indigenista das suas convicções, a brasilidade do seu pensamento e o fulgor imortal dos seus tropos literários.

Quando o injuriam o fazem movidos pelo despeito de jamais reproduzirem o seu estilo magnífico, a firmeza dos seus conceitos, a magnitude do seu sentimento, a alta e sonora expressão da sua revolta.

Quando o elogiam, o fazem, como eu neste momento, sob o signo mágico da fascinação e da prece, perdendo-se os seus críticos amáveis na inconfundível atrocidade do seu destino!

A razão oculta

A tortura que o consumia, transformou a sua casa num sarcófago de emoções estranhas.

Suspendamos as pedradas que magoam, os ressentimentos que não se apagam como as luzes errantes sôbre os paúis, as agulhas da crítica superficial, cujo sentido é se cravarem na História, rasgando as memórias, inutilizando as reconciliações.

No rumor das palavras sem nexo, no burburinho dos comentários facetados das esquinas, na coruscação dos floretes acadêmicos ou no relâmpago terrível das navalhas de botequins, há sempre, a respeito da vida de Euclydes da Cunha, uma deformidade que enclausura, da piedade, todos os que o cercavam.

Os refolhos de sua vida mais íntima estão ocultos sob denso mistério. Apaziguemos os rancores, bendigamos à Vida, nossa Mãe, escutemos os sinais dos tempos que nos levarão à justiça da História.

E' humano lembrar-se que, até morrer recentemente, Dilermando de Assis, seu matador, conservava à cabeceira do seu leito, como um Evangelho de Civismo, o livro essencial de Euclydes. Remorso? Não, o remorso não retroage, nem inclui a fascinação literária pura e simples.

Era amor revêsso pelo monstruoso espírito de sua vítima eventual. Relembremos também a cena, numa reportagem do "Correio da Manhã", do dia seguinte à tragédia : "Euclydes entrando em casa onde os dois irmãos residiam, Dilermando e Dinorah, estava verdadeiramente desvairado.

Dinorah, que tomava café na sala, levantou-se, surpreendido.

— "Onde está Dill ? pergunta-lhe Euclydes.

— "Ainda está deitado", responde-lhe Dinorah.

— "Onde ?" insistiu o escritor.

— "Ali. . ." respondeu-lhe Dinorah, apontando-lhe uma porta fechada por dentro.

Euclydes da Cunha dirigiu-se para ela e procurou abri-la. Encontrando resistência, o escritor arrombou-a com um ponta-pé. O arruído fêz Dilermando levantar-se de um salto, encontrando já à sua frente Euclydes da Cunha, que apontava para êle um pequeno revólver "Smith & Wesson". Um segundo depois, estalou o primeiro tiro, que se perdeu. Dilermando atirou-se corajosamente para o escritor, pretendendo desarmá-lo, o que não pôde fazer, recebendo nessa ocasião, um tiro, que o feriu, ao mesmo tempo, no pulso, de raspão, e no peito. Um outro tiro foi ainda feri-lo no ventre, intervindo nessa ocasião Dinorah, que também quis desarmar Euclydes da Cunha.

Êste voltou-se ràpidamente e alvejou o outro rapaz, ferindo-o também na base da coluna vertebral.

Nesse meio tempo, Dilermando armou-se do seu revólver, fazendo com êle dois disparos para a parede, com o intúito de intimidar o seu agressor. Não logrou efeito êsse expediente. Um novo projetil foi ferir Dilermando numa das virilhas, e êle, então, cego de dor, fêz quatro disparos seguidos contra o autor d'OS SERTÕES, em cujo corpo se foram cravar as quatro balas, sendo uma sôbre o rim, outra num pulso, a terceira no braço e a quarta no torax, tôdas do lado direito. Tinham sido detonadas treze

balas, ao todo. Mortalmente ferido, Euclydes da Cunha cambaleou até a porta de entrada, onde foi cair estertorando. Mesmo feridos, os dois irmãos o apanharam e, em braços, um com uma bala na virilha e outro com outra na espinha dorsal, o levaram para a cama de Dilermando, onde ficou Euclydes durante os seus poucos minutos de agonia. Pouco depois, no necrotério, foi visitado em primeira mão pelos escritores Medeiros de Albuquerque e Coêlho Netto, além do representante do Barão do Rio Branco, dentre a multidão de jornalistas e amigos, admiradores do gigante. Quem fêz a autópsia no cadáver foi outro escritor, Afrânio Peixoto, por êsse tempo diretor do Instituto Médico Legal".

Essa a reportagem condensada do "Correio da Manhã", o brilhante órgão da imprensa carioca, algumas horas depois do incidente.

Já, nesse instante, OS SERTÕES viviam sob o travesseiro de Dilermando de Assis, como Bíblia de nacionalismo.

Chovia na manhã dêsse dia sinistro. Era um domingo de "chuva, umidade, lama e vento".

Era o dia de Nossa Senhora das Angústias.

Ao saber do que acontecera, o pai de Euclydes, Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, exclamou para Otaviano Vieira, seu cunhado: — "Mataram meu filho. Mas estou satisfeito, porque êle morreu em defesa da sua honra e do seu nome. Foi um digno".

Terminemos êste discurso, comovidamente.

Senhores Acadêmicos:

Assim encerrou um capítulo escrito com o coração, sôbre a Lâmpada Vingadora, o imortal Carlos Chiacchio, da Bahia: "Euclydes não teve um amor à altura do seu gênio. E foi um mal para a sua pátria"...

Não! Êle o teve! E não foi um amor puro e simples, foi uma paixão, uma insondável, miraculosa e profunda paixão pelo Brasil!

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura